

A Produção do Conhecimento Geográfico

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-78-9

DOI 10.22533/at.ed.789181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Abordagens teórico-metodológicas no âmbito da Ciência Geográfica Agrária”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 15 capítulos, são discutidas diferentes vertentes das Ciências Agrárias, com ênfase na Geografia Agrária.

A Geografia Agrária engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia Agrária, refere-se a um a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia Agrária, apresenta artigos alinhados com a produção agrícola, conservacionismo, tecnologia, turismo rural, cultura e relações de gênero no campo. A importância dos estudos agrários é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender as distintas relações do campo com o capital.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO	
<i>Francisco Marquelino Santana</i> <i>Josué da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 2	16
REFORMA AGRÁRIA, ASSENTAMENTOS RURAIS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NO LITORAL SUL DA BAHIA	
<i>Hingryd Inácio de Freitas</i> <i>José Levi Furtado Sampaio</i> <i>Guiomar Inez Germani</i>	
CAPÍTULO 3	26
AGRICULTURA E ECONOMIA ESPACIAL EM MOSSORÓ/RN: DINÂMICAS E ESPECIFICIDADE REGIONAL.	
<i>Alexandre Alves de Andrade</i>	
CAPÍTULO 4	36
CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO	
<i>Rosinaldo Barbosa da Silva</i> <i>Nelba Azevedo Penna</i>	
CAPÍTULO 5	46
GEOGRAFIA DA AGROINDÚSTRIA DE SOJA ARGENTINA E OS IMPOSTOS ÀS SUAS EXPORTAÇÕES.	
<i>Pablo Martin Bender.</i>	
CAPÍTULO 6	58
O SISTEMA DE INDICADORES DE POTENCIALIDADE COMO MODELO DE ANÁLISE DAS (RE) CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AGRESTE CENTRAL DE SERGIPE	
<i>Clêane Oliveira dos Santos</i> <i>Rosemeri Melo e Souza</i>	
CAPÍTULO 7	72
AS PAISAGENS VITÍCOLAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS E DA CAMPANHA GAÚCHA	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	
CAPÍTULO 8	84
OS TERRITÓRIOS DO VINHO DA CAMPANHA GAÚCHA E DO VALE DOS VINHEDOS, BRASIL: ENTRE O TRADICIONAL E OS MODERNOS VINHEDOS	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	

CAPÍTULO 9	98
SABOR ARTESANAL: O TURISMO CERVEJEIRO COMO FENÔMENO ESPACIAL EM RIBEIRÃO PRETO - SP	
<i>Alex Rodrigues De Oliveira</i>	
CAPÍTULO 10	107
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL	
<i>Bruno M. C. de Albuquerque</i> <i>Jacob Binsztock</i>	
CAPÍTULO 11	123
O SETOR DE SEMENTES NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MODERNIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RURAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
<i>João Luciano Bandeira</i>	
CAPÍTULO 12	133
DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	
<i>Maria Angela Comegna</i>	
CAPÍTULO 13	143
CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO	
<i>Tiago Roberto Silva Santos</i> <i>Ricardo Gilson Da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 14	153
A AGRICULTURA DE PRECISÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	
<i>Tainara Bruna Montagna</i> <i>Roseli Alves dos Santos</i>	
CAPÍTULO 15	162
AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS	
<i>Caroline Tapia Bueno</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	172

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL

Bruno M. C. de Albuquerque
Jacob Binsztock

RESISTÊNCIA E CONCILIAÇÃO DOS PRODUTORES DE LEITE

Através dos processos sociais e políticos na economia brasileira ao longo do século XX formatou-se uma relação econômica estreita entre pecuaristas leiteiros e indústrias processadoras, com a dependência dos primeiros para a comercialização e escoamento das suas produções no mercado interno. No entanto, com a intenção de se protegerem mercadologicamente e politicamente dessa dependência econômica, os produtores primários de leite se reuniram em cooperativas e associações de produção e comercialização, em uma tentativa secundária de fortalecer suas rendas. Sorj (1998, p.49) observa que “(...) das cooperativas (...), pode-se dizer que em muitos casos elas são apenas simples intermediárias entre a agroindústria e os produtores. (...)”. Concomitantemente, Camillo (2013) retrata este movimento de resistência e inclusão simultâneo na cadeia produtiva:

“Em contraponto, a ação direta às indústrias de laticínios que buscam constantemente adquirir maiores volumes de produto com qualidade e a preço baixo, os produtores rurais passam a se organizar através de sistemas de cooperativas e associações e, assim, adquirem um maior impacto sobre os agentes da cadeia, inclusive às ações do Estado.” (CAMILLO, 2013, p.83).

Aprofundando o conhecimento sobre a inserção do campesinato na cadeia produtiva de leite, articulado com o movimento de modernização conservadora, verificamos que os produtores rurais atuaram tanto como agentes da modernização, quanto, como elos produtivo, fato mencionado no estudo de Sorj (1998), revelando o importante papel representado pelas cooperativas nesta dinâmica. No contexto da chamada “Revolução Verde” (PESSÔA, 2007), com a associação entre agropecuária e as indústrias processadoras, a produção leiteira cresceu com a industrialização e a conformação dos produtores rurais em inúmeras cooperativas e com a normatização cada vez maior da comercialização dos produtos lácteos. Para os produtores, o sistema cooperado ainda hoje representa segurança e proteção para suas iniciativas (CAMILLO, 2013). Após, a década de 1990, com a entrada das embalagens cartonadas UHT no país, ocorreu uma reestruturação da

cadeia produtiva de leite, alterando as funções dos pequenos produtores (SORJ, 1998). Neste sentido, muitas cooperativas se desarticularam enquanto algumas se reestruturaram com a chegada de capitais estrangeiros provenientes principalmente da indústria italiana Parmalat, pois, a Nestlé, operando há longo tempo no país, se afasta da comercialização do leite cartonado, concentrando-se na produção de achocolatados, que apresentam maior valor agregado e comercialização impulsionada pelo aumento de renda da população brasileira. Logo, a partir da década de 1970, foram introduzidos inéditos processos de produção, como a granelização¹, para o aperfeiçoamento das condições de captação do leite, cujo objetivo principal foi racionalizar o transporte do produto resfriado diretamente das fazendas para as usinas de beneficiamento Sorj (1998).

Constatamos, que a despeito das transformações ocorridas na cadeia leiteira no Brasil, quanto à forma de produzir e envasar o produto fluido, os números da produção primária cresceram sobremaneira a partir da década de 1980, alcançando patamares competitivos nos dias de hoje. Entre, os anos de 1980 a 1995, houve expansão no consumo e na distribuição de leite fluido pelo país, através da tecnologia de envase em sacos de polietileno. Entretanto, verificamos a existência de tensões envolvendo os diferentes atores da cadeia produtiva, em função das pressões exercidas pela indústria para o estabelecimento de preços ao produtor, prejudicado pelos preços baixos, em relação ao ofertado pelos supermercados, que pressionam as indústrias em função do seu alto poder de barganha, decorrente das elevadas escalas de comercialização do produto.

Usando como referência as pesquisas de Madanêlo (2008) e as de Braga (2006; 2008), observamos que as cooperativas e as associações de produtores de leite estão pressionadas, entre as indústrias de insumos, equipamentos e biotecnologia à montante da agropecuária leiteira e as indústrias transformadoras da matéria prima, localizada à jusante da atividade. A presença do capital internacional no segmento, não ficou restrito somente a Nestlé, pois, outros grupos econômicos nacionais, também, implantaram tecnologias de captação e processamento do leite cru, construindo fábricas de laticínios enlatados como a fábrica de leite Glória, instalada no município fluminense de Itaperuna. O estudo realizado por Braga (2006) mostra a dependência dos produtores reunidos na CAPIL², contribuindo para a implantação da fábrica na década de 1960, fornecendo o leite cru para industrialização, conforme menciona o pesquisador, revelando a articulação entre o tradicional setor agropecuário nacional e o capital internacional.

As indústrias de processamento de laticínios localizadas “depois da porteira” (MACHADO, SOUZA & VALVERDE, 2010) da produção de leite nas fazendas, exercem certo controle sobre a produção agropecuária para o fornecimento da

1. A granelização garante o transporte do leite resfriado a cerca de 4°C em caminhões-tanque isotérmicos, com um mínimo de manipulação e representa uma evolução significativa sob o aspecto microbiológico do leite cru.

2. Cooperativa de Produtores de leite de Itaperuna

matéria prima pressionando para baixo, os preços pagos pela produção primária de leite, não favorecendo o produtor de leite. A modernização conservadora atingiu as cooperativas, que pressionadas pelas indústrias, transformaram-se em etapas desta atividade, inserindo-se no CAI³ leiteiro, tornando-se dependentes tecnologicamente (BRAGA, 2006). Aqui, destacamos os espaços de disputas entre produtores, varejistas e agroindústrias controladoras da produção leiteira do país, como exemplo na bacia leiteira do sul fluminense, através das visitas de campo que fizemos (ALBUQUERQUE, 2014), estudamos a APLISI⁴ onde inferimos como as transformações da indústria leiteira nacional influenciaram na cadeia produtiva leiteira fluminense e constatamos que no estado do Rio de Janeiro o sistema cooperativo de leite desmantelou-se nos últimos quinze anos. A maioria dos produtores da APLISI é oriunda de propriedades tradicionais da microrregião do Vale do Paraíba fluminense convivendo com todo o processo da gênese da atividade leiteira em escala nacional. A associação entre eles foi incentivada pela necessidade de comercializarem sua produção com as indústrias de laticínios tradicionais, protegidos da concorrência e das pressões mercadológicas.

Em uma fase anterior, houve a aquisição da fábrica de leite Glória pela Fleischmann & Royal, na década de 1960 e posteriormente, após passar um breve intervalo de tempo pelo comando da indústria Kraft Foods, a indústria italiana Parmalat adquiriu as operações da referida fábrica, quando transformou profundamente as relações de produção com os seus fornecedores rurais (BRAGA, 2006). Esta transformação representou a reestruturação das cooperativas em seus usos e funções na cadeia produtiva leiteira, ilustrando a transição do modo de produção capitalista fordista para o atual modo de produção flexível. As cooperativas que tiveram êxito se transformaram em agroindústrias, com administrações técnicas e empresariais voltadas para a concorrência mercadológica, desenvolvendo marcas próprias. Para isso, se esforçaram para mecanizar a produção e atender às exigências cada vez mais complexas desse modo de produção flexível pós-fordista (SORJ, 1998). Essa lógica econômica flexibilizante atingiu os produtores em seu espaço de produção, modificando-os profundamente com um novo conjunto de técnicas de cultura na criação de bovinos. As exigências normativas pressionaram os menores e mais vulneráveis para fora do circuito formal de produção de leite, contribuindo para a concentração cada vez mais acentuada nos maiores produtores (BRAGA, 2006).

A inserção da produção primária como etapa industrial no CAI leiteiro, foi feita por importantes investimentos estatais que subsidiaram processos transformadores nos territórios rurais através da implantação de infraestrutura de abastecimento elétrico e de comunicação para os estabelecimentos agropecuários. (GUILDE, 2016). A disponibilidade de eletricidade para os produtores rurais das mais diversas faixas de renda gerou dramáticas mudanças nos seus costumes e modos de produzir, que facilitaram a penetração de lógicas culturais e econômicas inéditas em seu cotidiano,

3. Complexo Agro Industrial

4. Associação dos Produtores de Leite Independentes de Santa Isabel, Valença, RJ

que atenderam as necessidades das indústrias processadoras. No gráfico 1, elaborado pela ferramenta disponibilizada no programa SIDRA⁵/IBGE⁶, mostramos o panorama do aumento da inserção tecnológica nos estabelecimentos agropecuários ao longo dos últimos dez anos, contendo o aumento dos refrigeradores que começaram a serem usados nos estabelecimentos agropecuários do país. Este tipo de tecnologia demonstra a capacidade adquirida pelos produtores rurais, consequência da pressão das grandes indústrias processadoras.

Com o atendimento das demandas industriais e a implantação de infraestruturas no meio rural como as redes de energia elétrica, a concentração econômica em poucos grupos empresariais aumentou na cadeia produtiva leiteira. Esta concentração possibilitou investimentos em mais tecnologia de produção de laticínios. No presente estudo, partimos do mercado de envasamento do leite fluido no Brasil que atualmente está fundamentado no envasamento em embalagens cartonadas da quase totalidade da produção de lácteos das indústrias com grande participação no setor lácteo nacional, como a italiana Parmalat e a suíça Nestlé, que iniciaram o referido processo a partir da década de 1980, corroborando o que nos diz Souza (2009, p.77): “A grande pioneira na divulgação do leite longa vida UHT⁷ no Brasil foi a Parmalat que entre os anos de 1996 e 1998 gastou cerca de 40 milhões de dólares em propaganda no país, sendo a líder desse tipo de investimentos entre as empresas do setor de laticínios (...)”.

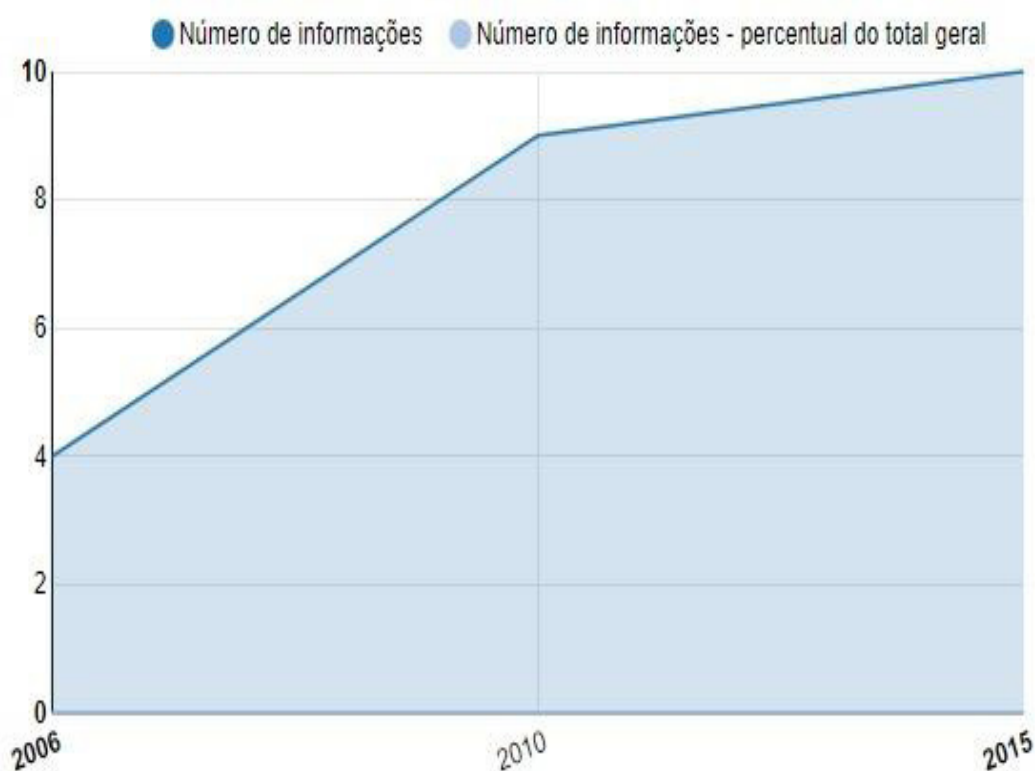


Gráfico 1 - Classes das atividades industriais e produtos - Resfriadores de leite no Brasil

Fonte: Elaboração própria através do SIDRA/IBGE 2017.

5. SIDRA: Sistema IBGE de Recuperação Automática

6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

7. Ultra High Temperature

Esses investimentos tecnológicos originados pela Parmalat, principalmente, alteraram outros processos na cadeia leiteira, como a coleta do leite fluido nas cooperativas de produtores, beneficiando a retirada direta do produto nos estabelecimentos de ordenha, no processo conhecido como granelização (BRAGA, 2008; CHAMPI Jr. et al, 2004), sem a necessidade de veículos de coleta de latões e postos de refrigeração que estavam sob o controle das cooperativas forçando os produtores a negociar diretamente com a indústria. A granelização foi adotada em diversos países da Europa, além dos Estados Unidos e Argentina, que também modernizaram seus procedimentos, normatizando e tecnificando sua cadeia produtiva. A indústria sueca de embalagens cartonadas Tetra Pak, surge na cadeia leiteira nacional como fornecedora para maior parte das agroindústrias nacionais que estão estreitamente relacionadas com esta forma de distribuição, na forma de monopólio do setor. Mesmo agindo indiretamente, como nas experiências de autonomia alimentar oferecidas por atores alternativos como o MST⁸ (BINSZTOK, 2000), o papel econômico e político das embalagens cartonadas é significativo.

Entretanto, concluímos que os pequenos produtores estão buscando alternativas para enfrentar as mudanças das relações comerciais com as indústrias processadoras que comandam as inovações tecnológicas no setor industrial leiteiro. O modelo de cooperativa de produtores está passando por mudanças assinaladas por autores como Albuquerque (2014), Braga (2006), Camillo (2013) e Guilde (2016). Essas mudanças no sistema cooperado poderão ter êxito dependendo certamente de como as pressões mercadológicas das agroindústrias agirão.

IMPORTÂNCIA DA CADEIA SUPERMERCADISTA E DOS NICHOS DE MERCADO

Para melhor entender o alcance do monopólio da Tetra Pak, podemos elencar a facilitação de estocagem do leite processado via UHT, que foi possibilitada pelas caixas cartonadas com o prazo de validade largamente estendido. A compra de grandes lotes de produtos possibilitou custos mais baixos para os grandes grupos de supermercados atacadistas e varejistas, que se transformaram em principais canais de distribuição da indústria processadora leiteira, aumentando os lucros. Na introdução da tecnologia do cartonado UHT Tetra Pak, os custos eram aumentados pelo fato de que o leite envasado por cartonado estava bem mais caro, pois apareceu no mercado como um leite diferenciado do comum envasado no saco de polietileno. Quanto à distribuição, esta podia ser feita por distâncias bem maiores que as limitações que o saco de polietileno impunha, facilitando a logística dos grandes varejistas e atacadistas que acabaram no final de um tempo conquistando a primazia na distribuição e comercialização dos lácteos em cartonado UHT, o que aumentou o consumo interno e possibilitou a desconcentração industrial atual no setor, pois, não há mais necessidade da proximidade de fatores locais fordistas (SANTOS,

8. Movimento dos Sem Terra

2008). Nos últimos anos, esta hibridização possibilitou uma nova função geográfica de estoques reguladores na cadeia produtiva para as grandes redes de supermercados. Transferiu-se definitivamente o poder de regulação dos mercados, que antes eram das indústrias, para esses novos canais de distribuição, eliminando assim algumas etapas na precificação do produto, melhorando os custos de intermediação dentro da cadeia produtiva (SORJ, 1998).

O setor supermercadista no Brasil sofreu uma transformação estrutural com a entrada de grandes corporações internacionais como o grupo francês Carrefour e o norte americano Wal-Mart e pelas conquistas produtivas do agronegócio brasileiro que foi beneficiado com maior escoamento dos produtos para os mercados interno e externo. Atualmente, do total de supermercados brasileiros, 95% dos pequenos e 40% dos médios são abastecidos por empresas atacadistas distribuidoras. O poder do canal de distribuição do setor supermercadista se comprova justamente com o fato do pequeno e o médio varejo atenderem mais os consumidores das classes C, D e E, cujo grande crescimento do poder de compra está mudando o perfil do consumo no país. As articulações das normas técnicas, mercado e a lógica capitalista, com a produção leiteira nacional, moldam a cadeia produtiva (SESSO FILHO, 2003). Os supermercados também sofreram processos de reestruturação com o aporte do grande capital nacional e internacional nas grandes redes de abastecimento varejistas e atacadistas, visando formar canais nacionais de distribuição do leite fluido em cartonado UHT contribuindo para a expansão do seu espaço de envasamento industrial, incrementando a tecnologia da embalagem cartonada de lácteos pela Tetra Pak fundamentado na atomização da tecnologia UHT, reduzindo custo (CHAMPI JR. & BARBOSA, 2004). Atualmente, os supermercados são canais fundamentais de distribuição dos cartonados no Brasil e têm aumentado exponencialmente sua presença na formação e manutenção de mercados para a Tetra Pak. Da hibridização dos grandes grupos de supermercados atacadistas e varejistas, são chamados de “atacarejos”, principais canais de varejo para a indústria processadora leiteira.

INDÚSTRIA TETRA PAK: DA SUÉCIA AO BRASIL

Para o geógrafo Roberto Lobato (2000), o objeto de estudo da geografia é a sociedade, que em suas palavras, é viabilizado pelo estudo da sociedade e pela sua organização espacial, conceito que usamos aqui para elucidar o desenvolvimento da indústria Tetra Pak no mundo e no Brasil. A Tetra Pak é originária da Suécia, situada na península escandinava⁹ e que, além de capitanear o processo tecnológico no setor de envasamento de alimentos líquidos prontos, monopoliza o mercado brasileiro, obstruindo a concorrência em função de sua estreita relação com os setores mercadológicos nacionais, em especial o setor de lácteos. Portanto, explicamos

9. As fontes da maioria das informações sobre esta indústria estão no endereço eletrônico www.tetra-pak.com.br. (Nota do autor).

este processo de formação da liderança mercadológica da Tetra Pak, através da organização espacial de suas operações industriais empreendidas globalmente, pela abertura de mercados, inicialmente na Europa e depois nos países emergentes nos outros continentes. Novamente, citamos Lobato (2000), que explica como este conceito se confunde com a organização geográfica da sociedade humana ao longo da história. Portanto, observamos que a organização social conforma o espaço geográfico segundo uma ordenação social apresentando diversas escalas que podem ser locais, regionais, nacionais ou internacionais. No caso da Tetra Pak, a organização social que começou local na cidade de Lund, Suécia, difundiu-se por este país e posteriormente apropriou-se de rotas internacionais de difusão tecnológica articulada aos mercados globais de consumidores de laticínios.

Antes da Segunda Guerra Mundial, a Suécia era um país predominantemente agrícola e passou por uma industrialização tardia em relação a maioria dos países europeus, tendo como as principais atividades industriais até a década de 1970 a extração vegetal e mineral e ainda a fabricação de veículos automotores, de artefatos de borracha e de aço (KAPPES, 2015). A destaca esta transição entre a atividade econômica primordialmente primária e posteriormente secundária em um curto espaço de tempo histórico. Ainda, sobre a primeira e mostrar este procedimento revela a época da transição econômica em que a Suécia estava passando, pela industrialização do tipo tardia que estava modernizando o cenário ruralizado do país e possibilitando amplo campo de inovações tecnológicas. Durante a guerra, manteve-se politicamente neutra e não beligerante no conflito assim como os países vizinhos Noruega e Finlândia. Porém, enquanto os territórios dos dois países limítrofes foram invadidos pelos exércitos da Alemanha e dos países aliados¹⁰, respectivamente, o território da Suécia não sofreu invasões estrangeiras, mantendo-se seu parque industrial intacto. Portanto, a Suécia beneficiou-se durante e após a Segunda Guerra Mundial, de uma combinação de demanda intensa pelos seus produtos, exportando matérias primas e maquinário para os esforços de guerra que devastaram os parques industriais das nações europeias envolvidas no conflito. A desvalorização da moeda nacional, a coroa sueca, também surtiu efeito favorável sobre a balança comercial do país no período. Estes fatores colaboraram com o fomento industrial que permitiu aos empreendedores suecos um ambiente inovador em tecnologias de produção, diante da necessidade mercadológica de exportar produtos para a reconstrução da Europa. Entretanto, sua população emigrou expressivamente para outros países industrializados, sendo os EUA um país de destino para boa parte desta imigração sueca.

A expansão internacional da organização espacial da Tetra Pak começa ainda em 1954, onde ocorre a primeira exportação da sua tecnologia para a cidade de Hamburgo, na Alemanha e posteriormente para a França. Logo, se inicia o desenvolvimento do sistema de envase asséptico em novas instalações, na cidade de Lund, alcançando

10. Os principais países que compuseram as forças aliadas foram Reino Unido, França, EUA e URSS que lutaram contra os países alinhados no EIXO formado por Alemanha, Itália e Japão.

em 1956 o mercado italiano e em 1957 instalando-se a primeira máquina para leite em embalagens cartonadas de 1 litro. Em 1958, a série de máquinas Tetra Classic, para embalagens cartonadas tetraédricas é ampliada para incluir a embalagem cartonada de 200 ml para creme de leite. No começo da década de 1960, com o desenvolvimento do cartonado tetraedro da Tetra Pak, esse processo pôde ser reduzido e usado com bastante eficiência na indústria de lácteos e outros líquidos, constituindo-se uma nova tecnologia.

A operação em países emergentes é inaugurada com a construção da primeira unidade de produção de material de embalagem fora da Suécia, situada no México, na América Latina onde é possível alcançar o mercado dos EUA e de países como o Brasil e Argentina, dentro do processo de internacionalização marxista descrito por Lênin (SOUZA, 2014), onde o capital vai ampliar sua reprodução atravessando fronteiras, com a produção mundial superando a marca anual de um bilhão de embalagens cartonadas, com o novo pacote tecnológico Tetra Brik, introduzido em 1963 e o desenvolvimento da tecnologia Aseptic em 1968. O envasamento em cartonado estabeleceu-se como uma inovação paradigmática e um sucesso empresarial na abertura de novos mercados mundiais.

Durante a década de 1950, Rausing buscou desenvolver um sistema de cartonados, que permitisse o envasamento com alta durabilidade do leite fluido aceito pelo mercado para que obtivesse o lucro estimado e que compensasse os custos de desenvolvimento de produtos envolvidos no novo paradigma industrial sob o tratamento UHT, processo térmico conhecido desde o final do século XIX para conservação de alimentos, que posteriormente ficou relacionado intimamente com a tecnologia Tetra Pak. Esta aplicação se desenvolveu através de embalagens antissépticas, estendendo o prazo de validade do leite fluido e tornando a diversificação industrial em nichos de mercado mais viável economicamente, imbricadas com os aspectos sociais e econômicos, estabelecendo as mudanças produtivas com a introdução das indústrias multinacionais de embalagens na década de 1960, como a inglesa APV e da sueca Alfa Laval (SOUZA, 2000; CAMILLO, 2013; GUILDE, 2016).

As aplicações dos novos materiais na fabricação de embalagens estão relacionadas com o ambiente de inovação pelo qual viveu a Suécia, contando com estímulos econômicos nacionais e internacionais (KAPPES 2015). Relaciona-se este processo de inovação com a revolução técnica científica que atingiu as economias mundiais capitalistas mais desenvolvidas depois da Segunda Guerra Mundial e que possibilitou o advento das tecnologias informacionais contemporâneas (HARVEY, 1992). E posteriormente, a partir das novas tecnologias da Terceira Revolução Industrial conhecida como técnica-científica-informacional, por envolver novos processos baseados na informática, robótica e novos materiais (SANTOS 2008), que ocorreu a partir da década de 1960, nos EUA, Japão e depois países da Europa ocidental, a Tetra Pak aliou o processo UHT às embalagens cartonadas no mundo.

No Brasil, a Tetra Pak alcança o mercado em 1957, através de uma representação

comercial em São Paulo, para importar as embalagens cartonadas a uma demanda inicial das indústrias lácteas aqui instaladas, aumentando sua participação no mercado de envasamento do leite fluido que na época sofria a citada regulação de preços pelo governo federal desestimulando inovações tecnológicas e investimentos (MADANELO, 2008; GUIDE, 2016; SOUZA, 2009). Entretanto, conforme afirma Souza (2013), os grandes capitais nacionais consorciados aos capitais internacionais conseguiam investir em tecnologia, superando a falta de inovação na indústria.

Não encontramos informações precisas sobre quais indústrias lácteas adotaram a tecnologia Tetra Pak no Brasil, no entanto a partir da década de 1970, esta obtém maior participação no mercado brasileiro de lácteos ao estabelecer parcerias com indústrias tradicionais como a Nestlé e a Parmalat (ALBUQUERQUE, 2014). Entretanto, houve a atomização da tecnologia em cartonados UHT da Tetra Pak pela cadeia produtiva leiteira brasileira que se fez através da inserção dos vários produtos lácteos para consumidores de renda diferenciada, apropriando-se de vários tipos ofertados de embalagem cartonada, construindo o seu domínio monopolista.

O monopólio da Tetra Pak foi estimulado pela reestruturação da cadeia produtiva, auferindo mudanças significativas na distribuição do leite, iniciadas pela abolição da regulação estatal que retirou o produto da cesta básica oficial, atraindo o interesse das grandes cadeias de supermercados com a conseqüente queda dos preços finais das embalagens cartonadas. Conforme Souza (2013) a popularização destas embalagens gerou a possibilidade de concentração industrial e de maiores ganhos em escala, ocasionados pela ampliação do alcance espacial obtido pelas indústrias. As transformações também ocorreram no comportamento de compra do consumidor, com a praticidade dos alimentos acondicionados em UHT com a imagem de oferecimento de nutrição e saúde, que passaram a ter maior importância. O envelhecimento da população e o conseqüente aumento da expectativa de vida contribuíram para as mudanças no perfil do mercado consumidor brasileiro.

A Tetra Pak atualmente conta com duas fábricas de produção de embalagens cartonadas no Brasil situadas nos municípios de Monte Mor, no estado de São Paulo e de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Ela está presente em 175 países, segundo seu endereço eletrônico, sendo uma das três empresas do Grupo Tetra Laval junto com as empresas DeLaval e Sidel, sediada na Suíça. A sua produção mundial, demonstra sua capacidade produtiva e sua influência nos mercados internacionais onde opera, configurando-a como uma das maiores transnacionais do mundo, operando em oligopólios e monopolizando setores produtivos.

O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL LEITEIRO

Nesta parte da pesquisa, observamos que os custos da Tetra Pak na cadeia produtiva foram diminuindo ao mesmo tempo em que se construiu uma situação de monopólio, pois, devido à atomização da sua produção, os custos das embalagens

foram diminuindo ao longo do tempo. Mas este processo está profundamente relacionado com a formação do CAI leiteiro, fortalecido pelo capital desterritorializado, flexível e globalizado controlado pelos oligopólios financeiros do setor agropecuário nacional.

Com efeito, o capital oligopolizado brasileiro não se desvinculou da renda da terra, configurando o que alguns autores chamam de capitalismo de periferia. Estes empreendimentos no CAI também são fomentados por fundos de pensão como os da PETROS¹¹ e da PREVI¹² que investem em empresas oligopolizadas como a BRF S/A. Portanto, enfatizamos que as reestruturações na cadeia produtiva de lácteos podem ser encontradas nas mudanças geoeconômicas e políticas no país em escalas nacionais e internacionais que estão articuladas com interesses capitalistas estrangeiros e nacionais e formatação de políticas públicas. Esse processo de imbricação culminou com a abertura econômica e a mudança de atores institucionais na organização e incentivo da produção leiteira.

Segundo Moreira (2012), o agronegócio tem origem com a mudança de hábitos por parte dos consumidores relacionando com a absorção da cultura urbana pela população rural através dos meios de comunicação e transporte. Para Sorj (1998), a reprodução tecnológica do agronegócio tem um limite. Para que seja viável a continuidade dos processos de inovação pelos agentes, os custos dos produtos têm que retornar o suficiente para cobrir os investimentos nas novas tecnologias. Portanto, o barateamento dos processos produtivos é fundamental para a existência dos complexos. Retornamos a Binsztok (2000) que anteviu o cenário econômico agropecuário brasileiro, quando observou a fundamental importância do CAI na estrutura de relações sociais e políticas no espaço rural. A relevância econômica das atividades rurais, fortalece a posição na DIT¹³ do Brasil, cumprindo um papel na economia mundial de potência regional, de onde irradia sua influência atrelado aos interesses econômicos exógenos, aumentando a delimitação do seu, assim chamado, entorno estratégico.

O conceito de Entorno Estratégico surge na literatura militar brasileira para demarcar a área mundial em que o Estado brasileiro deve proteger para resguardar seus interesses. Esta área pode abranger a América do Sul e outros territórios como partes do continente africano e antártico. Segundo Mattos (2014), a Política de Defesa Nacional de 1996, do Ministério da Defesa comunica que “Para o Brasil, país de diferentes regiões internas e de diversificado perfil, ao mesmo tempo amazônico, atlântico, platino e do Cone Sul, a concepção do espaço regional extrapola a massa continental sul americana e inclui também, o Atlântico Sul”.

11. “Segundo maior fundo de pensão da América Latina, (...) do Sistema Petrobras, (...) atende a aproximadamente 150 mil pessoas, sendo cerca de 86 mil ativos e 64 mil aposentados e pensionistas. (...)” (PETROS, 2018).

12. “A PREVI é uma entidade fechada de previdência e seus participantes são funcionários do Banco do Brasil e empregados do quadro próprio. (...)” (PREVI, 2018).

13. Divisão Internacional do Trabalho

A agenda do Entorno Estratégico na política internacional brasileira se trata do fortalecimento do MERCOSUL¹⁴. Pelo bloco econômico, no qual o Brasil tem proeminência política e econômica, a indústria leiteira expandiu-se para os mercados dos países membros, próximos à região centro-sul do país, que não por acaso apresenta uma das mais altas taxas de industrialização agropecuária. Este processo geográfico estabelece-se pela importância das instalações das plantas industriais de embalagens cartonadas Tetra Pak nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, visando os mercados de Uruguai, Paraguai e Argentina.

A CADEIA PRODUTIVA DA TETRA PAK

Consideramos neste trabalho, os territórios materiais e imateriais. Por territórios materiais, entendemos que são as manifestações físicas no substrato material, tais como as fazendas, as indústrias, artefatos de diferentes tipos, infraestrutura de serviços básicos ou informacionais, áreas urbanas e rurais. Como território imaterial entende-se que são as manifestações simbólicas, subjetivas, sociais como os tipos de território de uso que se apropriam de uma função territorial particular, no espaço geográfico estudado, de acordo com as interpretações dos atores sociais dentro e fora do território usado (HAESBAERT, 2004).

Outros autores também contribuem para a discussão como Ribeiro (1999) e Lobato (2000). As normas e técnicas são determinadas pelas instituições materiais e imateriais como o estado e o mercado que se relacionam de modo dual, definindo os conceitos econômicos que direcionaram, historicamente, a evolução do envasamento de lácteos na indústria. Os processos de inovação tecnológica dentro da indústria alimentícia são motivados pela apropriação e substituição das características físicas e químicas dos produtos agropecuários, tanto no seu estado natural como no seu estado de alimento processado.

A Tetra Pak, através das embalagens cartonadas, procura se adaptar sua tecnologia à variedade de sucos e bebidas lácteas, conservando o máximo de sabor e aroma, além do frescor desses alimentos processados a fim de que sejam imitações fiéis dos originais. No caso dos lácteos, usa a apropriação dos processos naturais de retirada do leite dentro dos estabelecimentos de ordenha incentivando o uso de ordenha mecânica, entre outras técnicas de obtenção do leite líquido.

No processamento dos lácteos, são incorporados nutrientes sintéticos, ocorrendo o substitutivismo (GOODMAN, SORJ E WILKINSON, 1990) no acesso ou criação de novos nichos de mercado para seus produtos. Assim a Tetra Pak desenvolve embalagens que possam envasar bebidas lácteas modificadas na substituição de combinações alimentícias que contenham os nutrientes procurados pelos consumidores, contribuindo para o acirramento da concorrência entre as indústrias produtoras de laticínios.

14. Mercado Comum Sul Americano, bloco econômico que congrega Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

Esses processos de substitutivismo e apropriação, ajudaram às grandes indústrias de laticínios a criar nichos de mercado específicos para seus produtos, causando grande diversidade de produtos para diferentes necessidades de consumo, imbricados com os supermercados que estavam interessados em investir em estoques de produtos cartonados UHT, mesmo com os custos iniciais sendo altos. A inserção dos supermercados como canais prioritários de distribuição de cartonados, começou na década de 1990, quando os tradicionais canais de distribuição demonstraram resistência à introdução das embalagens cartonadas da Tetra Pak, criando obstáculos à sua comercialização, o que permitiu às indústrias de lácteos comercializarem direto com o setor supermercadista e a ganharem escala na produção. Conseqüentemente, os custos baixaram, oferecendo preços finais módicos que conquistaram consumidores de baixa renda e tirando o poder mercadológico de comercialização do leite fluido dos pequenos varejistas, iniciando-se a hegemonia da comercialização pelos supermercados, que se tornaram novos canais de distribuição varejista.

Esta articulação entre os supermercados e as indústrias processadoras leiteiras conformam os fluxos financeiros entre os capitais nacionais e internacionais através das redes geográficas materiais e imateriais imbricados com importantes fixos específicos (SANTOS, 2008) explicando a territorialização dos interesses econômicos envolvidos a partir da Tetra Pak na cadeia produtiva. Assim, elucidamos as causas e conseqüências das mudanças que as tecnologias de envasamento operacionalizam nos territórios de produção (re)configurados através de (re)territorializações de fenômenos geográficos espacializados. Também destacamos a importância de agentes territoriais, como os supermercados, que dominam em última instância a comercialização de embalagens cartonadas de leite fluido, orientando a oferta do produto de acordo com a demanda consumidora.

A hegemonização do canal de varejo supermercadista, promoveu o que chamamos de atomização tecnológica do cartonado UHT para outros nichos de mercado, viabilizando parcerias tecnológicas de envasamento realizadas entre a indústria sueca Tetra Pak e as empresas lácteas de pequeno e médio porte na cadeia produtiva brasileira. Estas puderam dispor da redução de custos das embalagens cartonadas para seus produtos, em especial na produção do leite fluido, substituindo efetivamente o envasamento em sacos de polietileno. Esta dinâmica blindou o mercado contra a concorrência externa mundial de novas tecnologias produzidas por outras indústrias de embalagens inovadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os produtores de menor porte não tiveram como acompanhar o poder aquisitivo dos médios e grandes com mais acesso às tecnologias industriais se articulando melhor com o monopólio da Tetra Pak. Inaugura-se um novo sistema de custos dentro da cadeia produtiva através da mudança de agentes detentores de poder de atacado,

ampliando a distribuição dos cartonados para mercados consumidores de diferentes poderes aquisitivos em vários nichos de mercado de produtos lácteos no Brasil. Assim, simultaneamente, a adoção da tecnologia cartonada UHT no envasamento de lácteos foi favorecida pelos interesses econômicos exógenos no final da década de 1990, através dos fluxos capitalistas globalizantes (HARVEY, 1992) que atuam nos espaços opacos e luminosos da cadeia produtiva nacional.

Finalmente, ressaltando esse processo de ampliação do envasamento cartonado UHT nos mercados, a indústria Tetra Pak manteve o controle e o domínio monopolista da fabricação desse tipo de embalagem no Brasil, que foi construído na reestruturação profunda da cadeia produtiva relacionando-se as inovações na produção de leite com a implantação de novas técnicas de ordenha, de confinamento e tratamento de higiene, além da mecanização nos estabelecimentos produtores. Os menores produtores procuram se reunir em cooperativas enquanto os maiores, aliados a grupos econômicos nacionais oligopolizados, têm a primazia no domínio do setor leiteiro através dos cartonados, articulados em círculos de cooperação com a Tetra Pak.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, B.M.C., A Territorialidade da Associação dos Produtores de Leite Independentes de Santa Isabel do Rio Preto, sediada em Valença, RJ, Monografia de Graduação, Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

ALBUQUERQUE, B.M.C. & SANTANA, F.T. de M., As práticas pedagógicas do projeto “geografia vai a feira” realizado pelo Pibid, Cap, Uerj, in Revista Geosaberes, Fortaleza:UFC, v. 6 n. 1: Número Especial – Clag, Jul – Dez, 2015, disponível em <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/367> acessado em 09/04/2018.

ALVES, Daniela R., INDUSTRIALIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE DE CONSUMO NO BRASIL in Produção de Leite e Sociedade: Uma análise crítica da cadeia do leite no Brasil, Fernando Enrique Madalena, Leovegildo Lopes de Matos, Evandro Vasconcelos Holanda Jr. (Editores), Belo Horizonte: FEPMVZ-Editora, 2001, pp 75-83.

BEZERRA, J.E., A fruticultura no Nordeste Semiárido: internacionalização, conflitos territoriais e a precarização do trabalho, Tese de Doutorado, UNESP: Presidente Prudente, 2012.

BEZERRA, J.E., AGNER, M.R., AZEVEDO FILHO, G.L.S., A EXPANSÃO DAS REDES DE SUPERMERCADO EM BRASÍLIA (DF), Natal:ENGA – Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2016.

BINSZTOK, J., Considerações Sobre a Organização da Produção Leiteira no Espaço Agrário Brasileiro, in Revista GEOgraphia, Ano. II, No 4, UFF: 2000.

BRAGA, R. M., Interações Espaciais: o caso da empresa Glória/Parmalat em Itaperuna-RJ, Dissertação de Mestrado em Geografia, Niterói:UFF, 2006, 127f.

BRAGA, Ralph. M., Gestão do território: o caso da empresa Glória em Itaperuna-RJ (1960-2003), in Revisitando o Território Fluminense II, Rio de Janeiro: Ed.Gramma, 2008(p. 287 a 303).

CAMILO, P. J., A Dinâmica Espacial do Transporte na Consolidação da Cadeia Produtiva do Leite no Sudoeste do Paraná. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, 2013.

- CASTRO, J.de S., O leite em Minas Gerais, Belo Horizonte:Medialuna Editora, 2010.
- CHAMPI Jr., A. & BARBOSA, D.G., Diário de uma crise: lições do caso Parmalat, Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- CORRÊA, R.L., Região e Organização Espacial, São Paulo: Editora Ática, 2000.
- GOODMAN, D., SORJ, B., WILKINSON J., Da Lavoura às Biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional, Rio de Janeiro:Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1990.
- GUERRA, W. B., Entorno Estratégico do Brasil, in Indústria de Defesa & Segurança, Rio de Janeiro:JCM Consultoria em Comunicação e Políticas Públicas, 2016, disponível em <http://defesaeseguranca.com.br/entorno-estrategico-do-brasil> acessado em 01/05/18.
- GUIDE, L. M., CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO LEITE FLUIDO NO BRASIL: A ascensão do leite longa vida e a nova divisão territorial do trabalho, Monografia de Graduação, Campinas:UNICAMP, 2016.
- HAESBAERT, Rogério C., O Mito da desterritorialização, Rio de Janeiro:Editora Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, D., Condição Pós-moderna, São Paulo: edições Loyola, 1992.
- KAPPES, S., O Modelo Sueco - Uma narrativa histórica, Porto Alegre:UFRGS, Departamento de Economia e Relações Internacionais, 2015, Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301661251_O_Modelo_Sueco__Uma_narrativa_historica acessado em 04/09/2017.
- MACHADO, G. R., Sá de Souza, E.M. & Valverde, M.C.S. – A Análise Pest Aplica-da à Prospecção de Cenários Para o Sistema Agroindustrial do Leite Brasileiro, in Revista de Administração e Negócios da Amazônia, v. 2, n. 1, Porto Velho: CEDSAUNIR, jan/abr.2010. (p. 20 a 40).
- MADANÊLO, Daniela Helena V.L., O Complexo Agroindustrial da Pecuária de Leite no Estado do Rio de Janeiro, in Revisitando o Território Fluminense II, Rio de Janeiro:Editora Gramma, 2008 (p. 8 a 15).
- MARAFON, Gláucio J., Industrialização da agricultura e formação do Complexo Agroindustrial no Brasil, in Revista GeoUerj, Rio de Janeiro:UERJ, n.3, p.7-21, 1998b.
- MATTOS, L.F., A inclusão da Antártica no conceito de Entorno Estratégico Brasileiro, in Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro:EGN, v.20, n.1, jan/jun 2014, p. 165-192, disponível em <http://www.egn.mb/arquivos/revistaEgn/nova-revista>, acessado em 25/03/2018.
- MOREIRA, RUY, A CIDADE E O CAMPO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, in GEOGRAFIA E PRAXIS: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas, São Paulo:Contexto, 2012, pp.155-166.
- OLIVEIRA NETO, A., A Guerra Como Estratégia Econômica: Uma Análise Das Recentes Ações Norteamericanas., João Pessoa:ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, 2003. Disponível em <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.005.pdf>, acessado em 01/09/2017.
- PESSÔA, V. L. S., Meio-técnico-científico informacional e a modernização da agricultura: uma reflexão sobre as transformações no cerrado mineiro, in MARAFON, G.; RUA, J.; RIBEIRO, M. A. (Organizadores), Abordagens teórico- metodológicas em geografia agrária, Rio de Janeiro:EdUERJ, 2007, pp 255-271.

- PETROS, Rio de Janeiro, 2018 disponível em <https://www.petros.com.br> acessado em 02/05/2018.
- POCHMANN, M., Economia global e a nova divisão internacional do trabalho, – DECON, Montevideo:Universidad de La Republica Del Uruguay, 2000, disponível em <http://decon.edu.uy/network/panama/POCHMANN.PDF>.
- PREVI, Rio de Janeiro, 2018, disponível em <http://www.previ.com.br> acessado em 01/05/2018.
- RIBEIRO, M. A., ABORDAGEN ANALÍTICAS DAS REDES GEOGRÁFICAS, in Boletim Goiano de Geografia, Goiânia:INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO- AMBIENTAIS/GEOGRAFIA, Volume número 1 / 2, 2000.
- RIBEIRO, P. C. C., Logística na Indústria de Laticínios: dois estudos de caso em cooperativas, in Revista Cadernos de Debate, Campinas:Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, volume VII, p 45-64, 1999.
- SANTOS, M., Espaço e Método, São Paulo:EDUSP, 2008, 5ª. Edição.
- SANTOS, M., SOUZA, M. A. de, A Construção do Espaço, São Paulo:Editora Nobel, 1986.
- SANTOS, M., Técnica, Espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional, São Paulo:EDUSP, 2008.
- SANTOS, M. & SILVEIRA M.L., O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI, Rio de Janeiro:Editora Record, 2001.
- SEMMLER, W., CONCORRÊNCIA, MONOPÓLIO E DIFERENCIAIS DE TAXAS DE LUCRO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E EVIDÊNCIA EMPÍRICA, in Revista Ensaio FEE, Porto Alegre: FEE, v. 6, no.1, pp 3-31, 1985.
- SERAMIM, F.C.L. & BATALHA, M.O., ABORDAGEM SISTÊMICA PARA ANÁLISE DE CADEIAS PRODUTIVAS: CONCEITUAÇÃO E PROPOSTA DE ARQUÉTIPOS NO SETOR LÁCTEO BRASILEIRO, Salvador:ABEPRO, XXI Encontro Nacional de Engenharia de Produção – Enegep, 2001.
- SESSO FILHO, U.A., O SETOR SUPERMERCADISTA NO BRASIL NOS ANOS 1990, Tese de Doutorado, Piracicaba: ESALQ-USP, 2003.
- SIDRA, Produção Física Industrial, por grupos e classes industriais selecionados, in Banco de Tabelas Estatísticas, Rio de Janeiro:IBGE, 2018, disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650#resultado> acessado em 23/04/2018.
- SILVA, D.C., O circuito espacial de produção e os círculos de cooperação da cana-de-açúcar: uma análise a partir de Alagoas, in CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, Uberlândia:UFU, 2013, v.8, n.16, p.70-96, disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/23801/13073>, acesso em 11/04/2018.
- SILVA, J. G., A Questão Agrária, São Paulo:Editora Brasiliense, 1980.
- SILVA, J.G., A nova dinâmica da agricultura brasileira, Campinas: UNICAMP /IE, 1996.
- SILVA, Osvaldo Heller, A organização sindical dos produtores rurais integrados à agroindústria: representações dos avicultores e suinocultores do Paraná, São Paulo:ANPOCS, disponível em <http://portal.anpocs.org/portal>, acessado em 16/12/2013.
- SINGER, P., Aprender Economia, São Paulo:Editora Brasiliense, 1983.

SOARES, A., Por que os Suecos fariam de si mesmos?, in Revista Vivência, Natal:CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, no. 39. P.51-66, 2012. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/39/PDF_para_INTERNET

_39/3_Astreia_Soares.pdf acessado em 02/09/2017.

SORJ, B., ESTADO E CLASSES SOCIAIS NA AGRICULTURA BRASILEIRA , Rio de Janeiro:Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1998, acessado em <http://www.bvce.org> disponível em 06/05/2017.

SOUZA, J.J., GÊNESE E EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA, Florianópolis:UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dissertação de Mestrado, 2009.

SOUZA, J.J., O COMPLEXO AGROINDUSTRIAL DE LATICÍNIOS NO BRASIL: o caso da Região Sul, Florianópolis:UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Tese de Doutorado, 2014.

SOUZA, M.L. de, Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio Espacial, Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2013.

TETRA PAK, Monte Mor:2018, disponível em <https://www.tetrapak.com/br>.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-78-9

